

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE PLANTAS E POVOS Origens e Consequências

*Iolanda Trovoada Aguiar**

RESUMO: As migrações das plantas segundo a rota do oceano Atlântico iniciaram-se com a época áurea dos Descobrimientos. São Tomé e Príncipe, situada a cerca de 300 Km da Costa Africana, constituiu efectivo e importante ponto de passagem entre os continentes Americano e Africano, por isto foi um importante interposto para o comércio de escravos e com ele, o intercâmbio de plantas, propágulos e sementes.

Pretende-se com o desenvolvimento deste tema contribuir para o conhecimento e circulação de algumas plantas oriundas da América Tropical, Ásia e do continente Africano introduzidas nas ilhas de São Tomé e Príncipe, no período compreendido entre os séculos XV e XIX, e revelar a sua contribuição para a transformação da vegetação das ilhas, da sua agricultura e do povoamento, em suma para a edificação da "sociedade crioula" que é hoje este pequeno país.

Contudo é convicção plena que esta resenha é apenas um pequeno contributo para a investigação, nesta área tão profícua.

Palavras chave: Plantas, Migração, Origem, Introdução, Povos, Crioulo, São Tomé e Príncipe.

DEFINIÇÕES

Capoeira – formação nitidamente secundária resultante do abandono pelo homem, de locais outrora cultivados onde a vegetação se refez, numa nova composição coabitando as espécies sobreviventes (vestígios de antigas culturas e outras estranhas. Sobressaem nesta formação as lianas os arbustos e algumas espinhosas, que tornam a penetração difícil. O termo é brasileiro e no Brasil também é usado. Deriva do termo Tupi-guarani capan = arbusto.

Dependência agrícola – zona de uma propriedade normalmente com uma área com cerca de 100ha com certa autonomia de gerência. Era dirigida por um feitor que nela habitava e que tinha sob sua gerência 20 a 50 trabalhadores, os quais normalmente têm ali a sua sanzaia.

Obó – floresta primária, com árvores de elevado porte. Na opinião de Rodrigues (1974 : 173) parece que o termo deriva do francês haut-bois.

Roça – em STP é designação genérica de propriedade agrícola pequena ou grande.

Sede - centro administrativo das grandes roças, onde normalmente existe um grande terreiro com sanzalas, hospital, oficinas tecnológicas, capela e até mesmo um magnífico jardim.

STP – São Tomé e Príncipe

1. SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. A ACTUALIDADE AGRÍCOLA E DE POVOAMENTO

A República Democrática de São Tomé e Príncipe é constituída por duas ilhas principais, a ilha de São Tomé, com uma área de 857 Km² e a ilha do Príncipe, com uma área de 127 Km² e por vários ilhéus: Ilhéu das rolas, Santana, das Cabras, Bombom, Pedras Tinhosas...

As ilhas de origem vulcânica, situam-se no Golfo da Guiné a cerca de 300 Km da Costa ocidental africana. As duas ilhas distam uma da outra cerca de 160 Km.

A Ilha de São Tomé com uma área de 857 Km², cujo eixo de maior comprimento é de 47 Km encontra-se entre a latitude 0° 24' 30" e latitude sul 0° 0' 0,2" e as longitudes 6° 28' 19" oeste.

* Instituto Superior de Agronomia de Lisboa.

A ilha do príncipe, com uma área de 139 km², tem as dimensões máximas de 15 e 19 km, situa-se entre as latitudes 1º 31' e 1º 44" N e as longitudes 7º 20' e 7º 28,5 E de Greenwich.

O clima é do tipo equatorial-oceânico, dominado por movimentos sazonais de baixas pressões equatoriais, os ventos de monção sul, a corrente quente do Golfo da Guiné e a influência do relevo insular. A altitude máxima é de 2 024m na ilha de São Tomé e de 948m na ilha do Príncipe. A temperatura média é de 25°C ao nível do mar e tende a diminuir com a altitude. Acima dos 1500 m a temperatura média é de 13,5°C (clima microtérico). A amplitude média anual é pequena, isto é varia entre 6 a 7°C. A pluviosidade varia entre 100 e 700 mm / ano. A humidade relativa é elevada rondando os 80 a 90%. O grau de insolação é de cerca de 1760 h / ano nas duas ilhas e vai diminuindo com a altitude, atingindo menos 1000 h / ano à 500 m.

Existem duas estações secas, que coincidem com as épocas mais frescas das ilhas e são denominadas:

- gravana, que é a mais extensa e vai desde Junho a Setembro
- gravanita é uma estação mais curta que ocorre nos meses de Janeiro e Fevereiro

A época das chuvas tem lugar nos restantes meses do ano, e é caracterizada por violentas trovoadas, temperaturas elevadas e chuvas por vezes concentradas (Aguiar, 2000 :4).

Os solos são paraferalíticos, fersialíticos tropicais e vertissolos.

Face às características climatológicas descritas, as ilhas de São Tomé e Príncipe têm uma vegetação densa e muito viçosa, descendo na maioria dos locais abruptamente até ao mar, acompanhando as diferentes formas de relevo.

A existência da floresta em STP foi assinalada logo após o seu achamento,

Valentim Fernandes (anotações de Monod et al, 1951:126) ao referir-se à vegetação da Ilha de São Tomé disse que "*toda esta ilha he chea de arvores e diferenciadas das nossas saluo figueyras e parreyras*" que os portugueses levaram. O Piloto anónimo também se refere à sua vegetação exuberante. Toda a ilha era coberta de palmeiras "*Palmeyras toda a ilha he chea e dam boas tamaras... E tirã muyto vinho das palmas...*" Apoiando-se nesta descrição, Lains e Silva indicou como espécies arbóreas espontâneas em São Tomé a palmeira do azeite, dendem ou andim (*Elaeis guineensis*) que é endémica do Golfo da Guiné e que Valentim Fernandes confundiu com a tamareira (*Phoenix dactylifera*).

Actualmente, a floresta natural foi em parte suprimida ou desbastada, para dar lugar a novas plantas: alimentares, ornamentais, de relevante importância económica e outras. As plantas assim introduzidas e rapidamente se adaptaram ao seu novo "habitat", substituindo as comunidades naturais.

Desta forma, a verdadeira vegetação natural que se manteve sem ser afectada pelo homem designada "Obó" encontra-se acima dos 1400m na ilha de São Tomé. É nesta zona da floresta que ainda hoje é possível encontrar algumas espécies endémicas, como por exemplo o pinheiro-de-são Tomé (*Podocarpus mannii* Hook f.).

Entre os 1400 e 800m encontra-se uma floresta com árvores bastante altas com uma copa muito cerrada, numerosos fetos, lianas, musgos e orquídeas. Os fetos e orquídeas irrompem de todos os cantos, em fendas de rochas e até mesmo nos ramos das árvores. A floresta parece estar intacta.

Abaixo dos 800m, a ilha de São Tomé está ocupada pela cultura do café, do cacau das bananas dos coqueiros e outras culturas.

Na parte norte da ilha de São Tomé onde a precipitação é fraca encontram-se zonas de savana onde predominam gramíneas e ocorrem imbozinhos (*Adansonia digitata* L.), árvore característica de zonas áridas.

Em determinadas zonas do sul da ilha predominam "capoeiras" devido ao abandono de zonas de cacau e coqueiral.

A vegetação da ilha do Príncipe é semelhante à da ilha de São Tomé, verificando-se o predomínio de rubiáceas, euforbiáceas e orquídeas, assim como a ausência de leguminosas. Nesta ilha ocorre também elevado número de conaráceas que, segundo Exell(1944) são características das florestas secundárias.

Quase toda a floresta primária que não foi desbravada para a produção de culturas alimentares, foi largamente destruída em 1906 aquando da campanha de erradicação da doença do sono. Porém informações recentes apontam para a existência de áreas de floresta intacta no sul da ilha (Figueiredo,1995 :47).

Ao contrário do que se verifica na ilha de São Tomé, não existem savanas na ilha do Príncipe.

Graças ao clima, ao relevo e ao seu isolamento geográfico, STP possui taxas elevadas de endemismo. Por isto estas ilhas atraíram a atenção de vários estudiosos que se ocuparam do estudo da vegetação, destacando-se entre outros Júlio Henriques (1917), professor da Universidade de Coimbra, Artur Exell (1944), naturalista do Museu Britânico e muito mais tarde o santomense Joaquim Espírito Santo (1970).

A insularidade, associada à descontinuidade territorial, à limitação de recursos minerais por um lado e por outro, o pouco dinamismo do tecido produtivo de STP, constituem sérias limitações ao desenvolvimento económico das ilhas.

A nível económico, este pequeno país defronta-se com graves problemas estruturais. Apresenta grandes desequilíbrios macro-económicos, com repercussões sobre as actividades produtivas e todas as consequências que daí advêm. O país tem beneficiado de importantes ajudas para o seu desenvolvimento, em 1998 o total da ajuda foi de 28,3 milhões de USD. A dívida externa em 1988 atingiu o montante de 246 milhões de dólares, ou seja 648,4% do PNB (PNUD; 2000 : 221).

A estrutura económica é fortemente dependente das relações com o exterior, sendo os europeus os principais parceiros comerciais.

O Sector agrícola em 1998 representava 21,3% do PIB, a indústria 16,7% e os serviços 62,0% do PIB (PNUD, 2000 :208) . Em 1990 o PIB/capita era 365 USD tendo caído para 337 USD, no ano de 1998.

A fragilidade da estrutura económica do país assenta na baixa diversidade, estruturalmente dominada pela produção e exportação de cacau, ainda que a produção do último ano seja apenas, 7% do PIB (PNUD, 1999 :7).

A produção de cacau ocupa cerca de 24 000 ha, isto é cerca de 60% da superfície cultivável, ela é actualmente é responsável por 90% das receitas de exportação e constitui assim a primeira fonte de divisas do país (5,5 milhões de dólares em 1998) (PNUD, 1999 :7).

O coqueiro com 8 000ha plantados constitui após o cacauzeiro a segunda cultura em superfície do país. Contudo a produção e exportação de copra é baixa a nível nacional.

A produção de café conheceu uma queda considerável nos últimos tempos atingindo níveis muito baixos.

A Palmeira dendem, que ocupa 3 500 ha constitui a principal fonte de produção de óleo de palma para o mercado interno pela empresa estatal EMOLVE. Contudo, em 1998 a produção não foi suficiente para abastecer o mercado interno (PNUD, 1999 : 8).

As principais culturas de subsistência são a banana (*Musa sp*), matabala (*Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott.) , mandioca (*Manihot esculenta* Grantz), batata-doce(*Ipomeia batatas* L) fruta-pão (*Artocarpus communis* Forst.) e milho (*Zea mays* L.)

O sector pecuário em STP não está devidamente organizado, várias famílias de agricultores dedicam-se à criação de animais. Entretanto a produção de carne é inferior a 4 kg/habitante/ano e o défice é da ordem das 315 toneladas de carne e de 2 500 toneladas de leite (PNUD, 1999 :8).

Dada a importância do sector agrícola no contexto económico de STP, as possibilidades de desenvolvimento económico deste pequeno País insular passam necessariamente pela análise e perspectivas do sector agro-pecuário.

Por isto nas últimas décadas o estado de STP encetou uma série de reformas na tentativa de reordenar a economia santomense.

STP possui cerca de 130 000 habitantes, 63% da população é maioritariamente rural, a taxa de crescimento demográfico é de 2,4%, a taxa de mortalidade infantil em 1998 situava-se à volta das 60‰ (PNUD, 2000 :188), esperança de vida era de 65 anos.

2. AS PLANTAS, ALIMENTARES E NÃO ALIMENTARES

Mercê da sua proximidade à costa africana, as ilhas de STP foram desde sempre um importante ponto de passagem entre os continentes americano e africano tendo constituído um importante interposto para o comércio de escravos e com ele o intercâmbio de plantas.

Os navios negreiros abasteciam-se, nessas ilhas, de boas águas e dos mantimentos que careciam e completavam a sua carga de escravos.

Plantas endémicas de diversas zonas da "América tropical" e não só foram levadas para o Brasil, donde foram trazidas para África pela mão pioneira de portugueses e espanhóis através da rota do Oceano Atlântico. A título de exemplo o café (*Coffea* sp.) originário das zonas montanhosas da Abisínia, passou do Brasil para STP, por outro lado o gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) originário da Ásia passou de São Tomé para o Brasil. Os escravos transportaram de África para o Brasil algumas sementes, para sua alimentação, adornos, feitiçarias...

O estudo das migrações através do Oceano Atlântico e a evolução que ocorreu ao longo dos tempos e do espaço é um meio de reaproximar a África e a América Africana. As doenças e as plantas originárias são protagonistas de reencontros históricos e contribuíram igualmente para a vida e para a morte do ser humano no mundo Africano(Friedemann, 1995: 122).

Às interacções responsáveis por esta transformação brutal convencionou chamar-se globalização ou mundialização. Crise, mudança e globalização tendem a tornar-se sinónimos na terminologia e epistemologia nascentes (Lopes, 1977: 14).

Contudo, "as recentes reflexões colectivas sobre o futuro próximo da humanidade insistem muito sobre a necessidade absoluta de contrapor à globalização feita do império de empresas multinacionais, da expansão esmagadora das culturas hegemónicas e de outros carris da pulsação da uniformidade, de lhes contrapor a consciência da riqueza plural do nosso mundo único" (Santos Silva, 1997: 134).

Assim, a época dos descobrimentos foi o grande acontecimento que marcou os últimos anos do século XV e constitui *uma das primeiras formas de mundialização*, pois teve como cenário a circulação de pessoas, plantas, sementes, propágulos, mercadorias e capitais.

É certo que o processo de mundialização, na época esteve aliado por um lado à maior perturbação moral de todos os tempos - **o tráfico negreiro** - que constituiu uma "**perfeita empresa de desumanização**" mas, por outro lado as alterações económicas e sociais da época subverteram o estilo de vida dos povos, criando uma plataforma em a que *afirmação da diversidade foi uma condição para a confluência das identidades* - simbiose sócio-cultural deste mundo plural.

Quanto à migração transatlântica das plantas, verifica-se que a introdução de plantas em STP, particularmente as provenientes da "América Tropical" provocaram uma revolução social e agroeconómica. É interessante frisar que Ferrão(1986 :1087) , um engenheiro agrónomo tal como M'Bokolo (1995: 26), um historiador referem "grosso modo" que a troca de plantas entre os continentes, "constitui ainda hoje, matéria de estudo profundo", ou "demeurent mal connues".

Porém, a colecção de plantas úteis introduzidas desde o início do povoamento em STP foi descrita por Valentim Fernandes e mais tarde o piloto anónimo. Através de tais descrições verifica-se que foi persistente o esforço para se tentar a aclimação de numerosas plantas úteis, não só as da velha tradição europeia mas também outras que se foram conhecendo nos diversos continentes.

Ficalho (1884 :31) defende que "*a influencia dos Portuguezes n'esta dispersão de especies americanas, que teve lugar no decurso do século XVI é tão evidente, que quasi não carece de demonstração. Nenhum outro povo percorria então maior extensão dos mares, nenhum frequentava a miudo as praias da América, da África e da Asia, nenhum possuía simultaneamente nos tropicos do Velho e do Novo Mundo vastas e férteis regiões.*"

De cerca de 50 espécies com significado alimentar entre a população da ilha de São Tomé, 38% pertencem ao mundo Mediterrâneo- Atlântico e foram introduzidas desde o início do século XVI; 26% da costa africana, 18% da América tropical e outros 18% pertencem ao mundo botânico do sudeste e sul asiáticos (Tenreiro, 1961: 93).

Para mais fácil compreensão e sistematização, destacar-se-ão quatro épocas distintas em que a introdução de certas plantas revolucionaram a " vida das ilhas":

A Primeira época, iniciada no século XV coincide com o início do povoamento, das ilhas feito à custa de portugueses da "metrópole", de madeirenses, de alguns judeus e ainda de estrangeiros, a quem , nessa data era facultada a fixação. Havia necessidade de alimentar essas "bocas", por isto, para além dos alimentos encontrados nas ilhas, experimentaram-se também novas culturas.

Como qualquer emigrante, os portugueses ao “descobrirem” ou ao “aportarem” em novo “poiso” procuravam reproduzir condições tão próximas quanto possível às da sua terra natal. Assim, logo a seguir ao povoamento Valentim Fernandes informa que se introduziram a figueira (*Ficus Carica* L.), a videira (*Vitis vinifera* L.), o marmeleiro (*Cydonia oblonga* L.) e os citrinos (*Citrus* sp.). A multiplicação da maior parte destas plantas foi inglória. A introdução de cereais como o trigo (*Triticum* sp.), Centeio (*Secale cereale*) e cevada (*Hordeum vulgare*) também foi infrutífera.

Considera-se a hipótese da bananeira já fazer parte da flora de São Tomé antes da descoberta da Ilha, Valentim Fernandes, transcrito por Monod et al. (1951 :134), diz “ Há nesta lha se Sã Thome hua aruore chamada aualaneyras e dellas muytas e a mais alta he de tres braças. E nõ he paaõ se nõ como herua. E suas folhas tã grandes como hua adarga. E no cabo do mais alto leua huu fruto tã grãde como hua canastra e pesa quãto huu home pode leuãtar do chãõ. E he assi amarella como codea de melão e assi daquella feyçã de talhada de melã e he tã doce como açucar e he d~etro maciço e como cousa coalhada...”

Pensa-se que outras bananeiras, de variedades diferentes tenham sido introduzidas em São Tomé provenientes do Brasil, por exemplo as variedades de *Musa sapientum* que engloba a banana maçã, ouro e prata.

❖ **A segunda época** abrange o período que vai desde os finais do século XVI até meados do século XVII, é fortemente marcada pela introdução da cana-sacarina.

Segundo o Piloto Anónimo (tradução de Lourenço, 1988 :34) os “ Habitantes que vieram de Espanha quise-ram para ali trazer, a oliveira (*Olea europaea* L.) o pessegueiro (*Prunus Persica* (L.) Batsch) e a amendoeira (*Amygdalus communis* L.); e plantando-as fizeram-se belas, mas estéreis e sem fruto”.

Aos olhos da ciência actual é natural que não tenha sido possível a adaptação de grande parte dessas plantas, características das regiões temperadas. O clima e o tipo de luminosidade, próprios da região equatorial constituíram factor limitante.

Com êxito foi introduzido o coqueiro (*Cocos nucifera* L.) cuja origem é controversa. Há quem defenda que o coqueiro é originário da América e outros há que dizem ser originário do sueste Asiático. Com sucesso introduziu-se a mandioca (*Manihot esculenta* Grantz) e a batata-doce (*Ipomea batatas* (L.) Lam) ambas originárias da América Tropical.

Na opinião de Ficalho (1884 :255) a mandioca foi introduzida pela primeira vez em Angola no século XVI. Entretanto Jones (1959) defende que os portugueses introduziram a mandioca em 1558 na bacia do Congo. Cobley (1976 :116) diz que a planta foi domesticada na América do sul ou central, onde era cultivada e foi introduzida na costa ocidental africana. Existe quem defenda ainda, que a mandioca passou primeiro pela ilha de São Tomé a caminho do continente africano.

Os inhames originários do continente africano uns, da Ásia outros, foram não só a principal cultura de subsistência dos habitantes da época, mas também serviram de aprovisionamento aos navios que iam a São Tomé carregar açúcar. Pois na opinião do piloto anónimo (tradução de Lourenço, 1988 :32) “o inhame mantém-se fresco durante muitos meses e pode passar um ano que não se estraga”. Serviam para saciar a fome em alto mar.

Os inhames de origem africana pertencem ao género *Discorea* e compreendem várias espécies adaptadas a diversos ecossistemas. Os inhames do Benim, do Manicongo eram diferentes dos que havia em STP. Estes teriam sido levados da costa africana para STP pelos escravos que iam trabalhar nas plantações de açúcar.

A *D. trifida* é originária da América do Sul, mas também muito cultivada na região das Caraíbas (Ayensu e Couersey, 1972). Os *D. alata*, *D. esculenta* e *D. opposta* são originários do Sul da Ásia. Os portugueses introduziram-no muito cedo o *D. alata* em S. Tomé trazendo do Oriente onde o conheceram por ser consumido nos barcos. Utilizavam-no como alimento fresco procurando evitar o escorbuto (FAO, 1990). Falsos inhames do género *Collocasia esculenta* (L.) Schott, é o côcõ ou matabala originária da Ásia ainda hoje é cultivada na madeira.

A introdução dos inhames africanos e asiáticos no Brasil deve ter sido realizado pelos portugueses, ou pelos escravos logo nos primeiros tempos de colonização.

De todas as espécies mais importantes deve ter sido o *D. alata* que, originária do sueste asiático foi introduzida em Madagáscar. Os portugueses conheceram-na nesta zona levaram-na, para São Tomé e daí para o Brasil, ainda hoje a variedade mais difundida nas Caraíbas é o “White Lisbon”. Admite-se que é desta planta que os portugueses se abasteciam em São Tomé.

As hortaliças cultivadas pelos povoadores de então eram couves (*Brassica* spp.), rábanos (*Raphanus sativus*), cebola (*Allium cepa*) entre outras, as quais como se refere o Piloto Anónimo depois de semeadas “crescem em poucos dias, e são muito boas; mas a semente que produzem não presta para semear”.

Da América Tropical para STP foram algumas curcubitáceas (abóboras (*Curcubita* spp), cabaças (*Legenaria vulgaris*) ...)

Das plantas actualmente cultivadas em São Tomé e Príncipe, deve ser o milho (*Zea mays* L.) aquela cuja origem tem dado maior controversa. Pois a palavra que os portugueses mais usaram (desde o início do século XV, até finais do século XVIII, e ainda depois disto para nomear os cereais que não conheciam foi milho (Silva, 1988: 14).

Porém, “hoje em dia divulga-se a tese de que os cereais utilizados em África têm a sua origem no sudeste asiático quando botanistas franceses e britânicos provaram já no século passado que o continente africano foi o epicentro da domesticação de variadas espécies vegetais” (Mudimbe, 1988).

Não está no âmbito desta comunicação aprofundar esta questão mas, em meados do século XVI quando o piloto anónimo de Vila do Conde passa em São Tomé, nota que os escravos se alimentavam de milho zaburro, “que se chama *mays* nas ilhas ocidentais” (Lains e Silva, 1958 : 63). Ainda segundo o mesmo autor “a descrição deixada por Valentim Fernandes, assim como os escritores de Ramúcio, do Piloto de Vila do Conde, Duarte Lópes, Gabriel Soares de Sousa, Fernandes Brandão e outros faz supor que o milho zaburro seja o designado *Zea mays* L. originário da América”.

Ainda durante o século XVI os primeiros colonos introduziram também a cana-sacarina (*Saccharum officinarum*) , que era cultivada na Madeira com muito afinco, e que viria a revolucionar a economia das ilhas.

A cana sacarina é originária do sueste Asiático

Em São Tomé a cultura da cana sacarina, originária do sueste Asiático, estabeleceu-se no norte e nordeste. Os vales dos rios constituíram os locais eleitos por causa da maior abundância de água e pelas características do terreno. A cultura na ilha do Príncipe aparece mais tarde mas também alcançou grande desenvolvimento.

Durante o século XVI tenta-se a cultura do gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) de que há notícia em 1580 (Lains e Silva, 1958 :69).

O gengibre terá sido uma das primeiras especiarias orientais a ser conhecida pelos europeus. Os portugueses levaram-no do oriente para São Tomé onde produziu muito bem e, daqui, foi introduzido no Brasil. A produção de gengibre nestas novas terras, ultrapassou a necessidade de comércio pelo que as autoridades de então proibiram a sua sementeira no Brasil e em São Tomé, concentrando toda a sua produção na Índia.

O Ocá (*Ceiba pentandra* Gaertn) é uma árvore de grande porte, chegando a atingir 50m de altura, a sua origem é controversa Tenreiro (1961 :92) inclui o Ocá no grupo de plantas provenientes contacto com o oriente, Cogley (1976 :252) é de opinião que é originária da América Central ou da América do Sul e daí se expandiu para África e Ásia. Ferrão (1979 :104) atribui aos portugueses a difusão desta espécie após a descoberta do Brasil.

O certo é que, pelo facto de possuir um tronco longamente cónico, é utilizado pelos nativos desde tempos imemoriais para a construção de pirogas (canoas) utilizadas na pesca artesanal (Aguiar, 1993 :64). Sob a sua copa são efectuados rituais de feitiçaria.

A terceira época comporta os séculos XVII e XVIII, durante este período nenhuma cultura com interesse económico é introduzida nas ilhas.

Apesar das potencialidades naturais das ilhas no século XVIII o principal sustentáculo da economia era o comércio de escravos, desempenhando a agricultura um papel meramente subsidiário. Todos os produtos básicos da alimentação quer da população livre quer dos escravos derivavam da agricultura (Neves, 1989 :25).

Além disso, o vício do comércio e do contrabando com os estrangeiros e os traficantes do Brasil que entretanto se expandira entre a população nos finais do século, levava a que muitos fazendeiros preferissem o comércio à agricultura e, por via daqueles fossem perdendo os seus escravos pelas trocas desvantajosa que realizavam.

A quarta época é iniciada nos meados do Século XIX com a introdução das culturas do café e do cacau. O café (*Coffea* sp.) foi uma das alavancas impulsionadoras da renovação da paisagem rural santomense.

O café é originário das zonas montanhosas da Abissínia. Fruto de uma semente conhecida no sul da Europa já no final do século XVI, só foi introduzido no Brasil em 1727 pelo Sargento Mor Francisco Palheta (1670?) a darmos crédito à versão oficial Palheta teria se valido de uma expedição militar enviada a Caiena com o intuito de examinar questões referentes às disputas fronteiriças entre Portugal e França no âmbito da América do Sul para sob rigoroso sigilo transplantar ao Brasil, mais exactamente para Belém algumas sementes e mudas de café. É pelo menos o que se depreende da leitura das instruções dadas aos militares pelo governador do Maranhão João Maria da Gama, as quais o aconselharam textualmente “se acaso entrar em quintal ou jardim ou roça onde houver café” não hesitar um minuto sequer e “com pretexto de provar algum fruto... esconder algum par de grãos com todo o disfarce e toda a cautela”. Assim mesmo a seco. (Alves Filho, 1999 :95)

O café foi reintroduzido em África. Os portugueses trouxeram-no do Brasil para África Ocidental, precisamente para Cabo Verde e São Tomé, nos fins do século XVIII, demonstrando desta forma que foi mais fácil atravessar o Oceano Atlântico que o interior do continente Africano (Ferrão, 1992 :69).

João Baptista da Silva Lagos enquanto capitão-mor de São Tomé trouxe-o “em uns caxões”. Aceitou-se durante muito tempo que o café foi introduzido em São Tomé no ano de 1800. Sabe-se hoje através de documentos, que, pelo menos em 1789, se fizeram introduções (Ferrão, 1992 :70).

Como se referiu embora o café tenha sido introduzido ainda no século XVIII, a expansão da cultura deu-se lentamente e só em 1832 é que se dá início ao ciclo do café com a exportação de cerca de 100 toneladas (Correia & Maçarico, 1993 :182).

A exportação de café atingiu o seu máximo em 1889. Pouco antes da independência em 1973 exportaram-se 43 toneladas de café.

O café foi durante mais de trinta anos o único produto cultivado e exportado. A partir de 1868 começa a sofrer a concorrência do cacau.

Entretanto só a partir de 1890 é que o cacau se impõe como cultura lucrativa, o que se verifica até aos nossos dias.

De facto o **cacaual** é ainda hoje a cultura de mais esmerado cultivo, ocupa os melhores solos e constitui hoje a principal fonte de divisas de STP.

O cacauieiro, *Theobroma Cacao* L. é originário da América do Sul, possivelmente dos vales dos rios Orenoco e Amazona, onde se encontra em estado espontâneo. A planta foi levada para fora da área de dispersão em tempos muito antigos.

De acordo com Coe e Coe (1996), a domesticação do cacauieiro terá sido feita pela civilização Olmeca, que se instalou na costa do golfo do México cerca de 1 500 a.C.. Ainda de acordo com a mesma fonte, os Maias terão herdado o cultivo desta planta, bem como o seu nome “cacau”, de uma civilização derivada da Olmeca designada pelos arqueólogos por “izapan”. Também de acordo com os registos que nos chegaram da sua época clássica (250 a 900 d.C.) os Maias foram “os primeiros a ensinar ao velho mundo como beber chocolate” (Coe e Coe, 1996)

Os povos centro americanos têm muitas lendas em torno desta planta conhecida como “*alimento dos deuses*”.

É só no século XIX que a planta é trazida para África, quando já fazia furor nas cortes europeias desde 1585 altura em que chegou a Sevilha o primeiro carregamento oficial proveniente de Vera Cruz (Robert, 1990).

O cacauieiro foi introduzido na ilha do Príncipe em 1822 por José Ferreira Gomes comerciante e Comandante de Melícias, natural de Benguela (Republica de Angola) e casado na Ilha do Príncipe com a célebre Maria Correia¹ a quem o rei de Portugal concedeu o brasão. Nas viagens que fazia entre Benguela, STP e Brasil deve tê-lo conhecido em terras baianas e trazido para a sua roça de Cima-Ló (onde hoje está o hospital do Príncipe) como planta ornamental (Ferrão, 1991 :86). Daí foi levado para São Tomé e Fernão do Pó, donde um indígena de nome Tetteh Quarshie terá levado uma planta para terra firme de África (antiga Costa do Ouro, actual Ghana) em 1879 (Tenreiro, 1961 :221).

Não há informações precisas da data da introdução do cacauieiro na ilha de São Tomé, sabe-se que a entrada em cultura só se desenvolveu na segunda metade do século XIX.

¹ Maria Correia – “a princesa negra do Príncipe” era a pessoa mais rica do Príncipe na sua época, negra, filha do major de milícias de nacionalidade brasileira António Nogueira e Ana Maria de Almeida (Espírito Santo, 2000 : 243).

Na ilha do Príncipe, com a família de José Ferreira Gomes vivia o seu afilhado João Maria de Sousa e Almeida, mais tarde 1º Barão de Água-Izé que tinha interesses agrícolas na ilha de São Tomé.

Em 1854, o 1º Barão de Água-Izé desenvolvia com grande afinco a cultura de plantas exóticas lucrativas e certamente entre elas se encontrava o cacau, que era encarada por parte dos cultivadores com grandes reservas.

Foi difícil implementar a cultura do cacau no arquipélago, devido à euforia dos plantadores para o café, que nessa época constituía o principal produto do arquipélago.

Porém, devido em parte ao esforço do Barão de Água-Izé, que chegou a publicar no Boletim Oficial de 1858 um extenso estudo sobre o cacau, cuja cultura recomendava e onde explicava como tirar da planta maior rendimento a plantação de cacauiros alargou-se de tal forma que em 1890 a produção do cacau excede a do café.

Desde essa data até aos nossos dias a cultura do cacau tomara definitivamente a crista das exportações. Em 1899 o cacau representava já 82% das exportações nacionais.

Entretanto em 1857 o tabaco (*Nicotinana tabacum* L.) originário da "América tropical" foi introduzido em São Tomé, mas a sua cultura para fins industriais nunca despertou grande interesse.

"Em 1864, por indicação do Dr. Welwitsch, eram introduzidas em S. Thomé alguns exemplares de *Cinchona Pahudiana* (uma espécie de quineira). Desconhecida a utilidade de tal espécie, ninguém lhe ligou importância" (Henriques, 1886 :23). Foram feitas várias introduções ao longo dos anos. A cultura adquiriu maior importância em zonas de altitudes superiores a 700m, permitindo abastecer o mercado nacional e garantir uma razoável exportação. A quineira é originária das zonas montanhosas do Perú, era utilizada no combate às febres. A produção de quinino de síntese arruinou completamente a cultura. Em São Tomé algumas plantações foram destruídas, o terreno ocupado com a cultura do café arábica.

A baunilha (*Vanilla planiflora* Andr.), originária das florestas do México é introduzida em São Tomé em 1879, pelo Tenente da Armada Custódio Manuel Borja proveniente do Gabão. Alguns anos depois a baunilha foi introduzida na ilha do Príncipe. Conforme se pode verificar, a introdução da baunilha em São Tomé e Príncipe coincide com a época áurea do cacau, por isso a baunilha não se expandiu para além das hortas ou dos espaços reduzidos dos terreiros.

1. POVOAMENTO E POVOS

A História de África foi durante bastante tempo apenas conhecida no Ocidente através do paradigma que Hegel descreveu: A inexistência do facto histórico antes da colonização (Lopes, 1997 :18). Assim, as ilhas na opinião de alguns historiadores eram consideradas "terra de ninguém" pelo facto de não se ter encontrado nenhuma população autóctone.

Embora não exista certeza quanto às datas exactas da descoberta das ilhas do arquipélago, admitem-se como mais prováveis as de 21 de Dezembro de 1470, para São Tomé, e de 17 de Janeiro de 1471 para a Ilha do Príncipe, sendo as descobertas atribuídas a João de Santarém e a Pero Escobar, acompanhados por Martim Fernandes e Álvaro Esteves. (Morbey, 1989 :97).

A escolha para a localização dos primeiros núcleos populacionais em STP sofreu necessariamente a influência de factores geográficos tais como, o clima, o relevo, a existência de cursos de água e a vegetação (Silva, 1998:170).

A expansão populacional foi-se dando à medida em que as plantas foram introduzidas, assim:

A primeira fase do desenvolvimento da povoação inicia-se obviamente com a chegada dos primeiros povoadores.

Com efeito "chegados os colonos a São Tomé, desembarcaram a Agoa Ambó, junto a Ponta Figo e ali erigiram várias barracas, e fizeram cultura. Pouco depois conhecendo a capacidade da baía em que agora se acha a cidade, mudaram a sua residência para ella e formaram uma pequena povoação erigiram capella e deram principio à cultura de terras" (Mattos, 1905 :2).

Na povoação as casas eram todas feitas de madeira cobertas com tábuas. Segundo descrição do piloto anónimo "existiam cerca de 600 a 700 fogos e pelo meio da cidade de povoação ocorre um regato de água

claríssima muito largo mas pouco fundo, da qual água dão a beber aos doentes, por ser muito leve é o ribeiro de Água Grande”.

O povoamento da ilha do Príncipe foi iniciado pelo donatário António Carneiro, em 1502. Os primeiros colonos foram desembarcados na praia, ao fundo da baía que se denominou de António fundando-se assim a primeira povoação com barracas e palhotas (Oliveira, 1993 :75).

A segunda fase do desenvolvimento da povoação em São Tomé abrange o período que vai desde meados do século XVI até meados do século XVII. Esta fase coincide com a 2ª época, atrás descrita marcada pela introdução da cana sacarina. Corresponde a um desenvolvimento do núcleo populacional inicial resultante da produção açucareira e do comércio de escravos vindos da Costa Africana. A população fixou-se no nordeste da ilha e o Porto da Baía de Ana Chaves tornou-se mais importante.

A terceira fase coincide com a 3ª época, nesta fase como nenhuma cultura com interesse económico é introduzida nas Ilhas, não há grandes expansões em termos urbanísticos, antes pelo contrário o cenário nas ilhas é de uma certa decadência. A população passou a concentrar-se numa zona sobranceira à cidade, as “capoeiras” invadiram os locais outrora ocupados pelas prósperas plantações de açúcar, apenas as ruínas de alguns engenhos abandonados e os vestígios de uma vegetação introduzida permitiam recordar a vivência dos homens.

Em São Tomé a área populacional concentrava-se no quadrante nordeste, no Príncipe limitava-se a algumas regiões litorais.

A quarta fase ajusta-se à última época, caracterizada pela introdução das culturas do café e do cacau. Há uma expansão e dispersão dos núcleos populacionais, emergem as grandes roças que passam a dominar a estrutura paisagística e urbanística de STP.

A roça unidade agrária típica, constituída por um núcleo central, caracterizada por um vasto terreiro em torno do qual se situam a casa do administrador, a sanzala, o hospital, diversos armazéns, etc.

Nas proximidades deste núcleo, crescem algumas árvores de fruto, e outras plantas para assegurar o sustento de homens e animais. O cacau desenvolve-se geralmente protegido pelas robustas eritrinas (árvores sombreadoras) em campos a perderem-se de vista, em terras mais altas floresce o café e incendeia a floresta com os seus frutos vermelhos. Bem longe do núcleo central espreitam uma ou várias dependências. A dependência era dominada pela imponente casa do feitor. Perto da casa do administrador ou do feitor ficavam as sanzalas.

As grandes roças funcionavam como grandes empresas fechadas produzindo essencialmente bens de exportação. De tal forma que a cidade situada na Baía de Ana Chaves foi perdendo importância. A confirmar esta situação Campos (1912 :245) dizia “A cidade de São Tomé tem como principal razão de ser o movimento do seu porto. Há meio século e até 1900 colhia do comércio com o indígena e do fornecimento directo das fazendas agrícolas o melhor da sua vida; mas, de há mais de três lustros para cá, as roças começaram a fornecer-se directa e quasi exclusivamente da Europa e da África, dispensando o intermediário da cidade”.

Os Povos

No século XV nordeste da ilha instalaram-se os primeiros colonos, portugueses da então “metrópole”, madeirenses, judeus e ainda alguns estrangeiros a quem nessa data era facultada a fixação.

Conta-se que em meados do século XVI, um navio negreiro, carregado de escravos de Angola, que seguia rumo ao Brasil, naufragou nos baixios das Sete Pedras, salvaram-se alguns escravos que alcançaram a nado, a Angra de São João, pequena enseada no sul da Ilha embrenharam-se nos matagais, formando aí o seu aldeamento, estes indivíduos são denominados “angolares”. Entretanto, convém sublinhar que a sua origem é controversa, pois os historiadores defendem várias teorias. Entretanto, parece ser ponto comum que os “angolares” são descendentes de escravos fugidos no século XVI, que se refugiaram em “quilombos” no sul da ilha e consideravam-se ‘homens livres’.

Em virtude da exploração intensiva da cana-sacarina no século XVI os colonos recrutavam mão-de-obra entre os negros da Costa de África. Estes negros vinham aos casais, trabalhavam seis dias para o Seu Senhor e o sétimo para eles próprios.

A fim de fomentar a fixação e a procriação da população da ilha sem sobrecarga para a então Metrópole a braços com vários sonhos imperiais, os Reis de Portugal estimulam o cruzamento entre europeus e africanos (Tenreiro, 1954 :158). O que levou o mesmo autor a dizer que, neste tempo o regime de trabalho ainda não era escravo, mas sim servil.

É importante sublinhar que noutras situações em África e no século XVI – os casos de Arguim e de São Jorge da Mina – foram dadas ordens régias proibindo as relações dos Portugueses com mulheres negras, contrariando-se assim a miscigenação (Mota, 1976).

Entretanto do resultado desta *miscigenação, nasceu a sociedade crioula*, mulatos honrados e casados. Estes tinham uma posição de destaque na sociedade da época, eram os chamados “filhos da terra”.

Consequentemente, “no século XVI, distinguia-se na população de São Tomé três grupos diferenciados, os escravos, os angolares isolados no sul da floresta e finalmente o grupo dirigente de “agricultores” e comerciantes grandes proprietários de engenhos, artífices, funcionários portugueses, castelhanos, franceses, genoveses e mulatos já filhos da terra” (Oliveira, 1993:76).

A ruína do comércio do açúcar leva ao abandono da ilha. O êxodo dos agricultores faz-se rumo ao nordeste Brasileiro, onde as terras baixas e bem regadas, o negro, o cavalo e o boi, assegurariam safras rendosas (Tenreiro, 1954:159)

Entre os séculos XVII e XVIII a população branca desapareceu praticamente e o mestiço passou a ser o elemento dominante. Assim, em 1769, um comerciante da Baía, Joaquim Inácio da Cruz, declarava que o mau clima da terra havia extinto de tal modo os brancos, que não restavam em São Tomé senão dez a doze indivíduos. Acrescentava que os mulatos e os pretos crioulos iam-se acostumando a viver sem os brancos e a ocuparem os lugares que lhes competiam. Por essa razão, quando lá aparecia algum branco se não o matavam com feitiços bastava “não lhe acudirem prontamente com os remédios ao uso da terra ao tempo de lhe dar a doença, a que chamam carneirada, para logo morrerem” (Carta de Joaquim Inácio da Cruz para o conselho ultramarino de Lisboa, 1769).

Os dois grupos sociais mais relevantes na estrutura social de São Tomé e Príncipe na 2ª metade do século XVIII, eram por um lado, os moradores livres e, por outro, a dos escravo (Neves, 1989:156).

Eram considerados moradores livres os brancos, em número reduzido, os mulatos e os negros alforriados, os chamados forros. Os escravos eram um grupo populacional flutuante, pois por motivos óbvios eram constantemente renovados. Em termos comparativos, havia mais escravos na ilha do Príncipe do que na ilha de São Tomé.

Naturalmente, no início do século XIX, o elemento preponderante da população é o mestiço (Tenreiro, 1961: 77). A notícia da prosperidade do café e do cacau e a tradição da fertilidade dos solos atraíram às ilhas novos proprietários, na grande maioria europeus.

Nessa época, face à introdução das culturas de exportação e à abolição total e imediata da escravatura decretada em 1875 pelo governador Gregório José Ribeiro, a crise de mão-de-obra acentua-se (Mantero, 1910; Tenreiro, 1954, 1961; Eyzaguirre 1986; Clarence-Smith 1991; Ceita 1998; Seibert 1997).

Na época a população de São Tomé maioritariamente constituída pela população crioula os “forros”-descendentes de escravos alforriados, e pela pequena comunidade dos “angolares”, desenvolviam uma proverbial aversão ao trabalho agrícola. Para os primeiros, tal facto deve-se na opinião de Tenreiro (1961 :231), à sua condição adquirida de ‘homens livres’, os segundos, devido à sua própria origem, também se consideravam homens livres. Os angolares dedicavam-se fundamentalmente à pesca, eram exímios construtores de canoas, para tal utilizam essencialmente o tronco do ocá (*Ceiba pentandra*). Executavam ocasionalmente trabalhos para as roças, por exemplo abate de árvores e o transporte de sementes cacau ao longo da costa para o porto da cidade capital.

Com o intuito de solucionar a crise instalada pela falta de mão- de-obra foi introduzido o *regime de contrato*. Após o cumprimento do prazo estipulado nos acordos, os contratados deveriam ser repatriados. Mas, a fazer jus, ao refrão citado por Nogueira (1893 :97), cantado pelos trabalhadores, que resumiam a sua principal lamentação, “em São Tomé há uma porta para entrar mas nenhuma para sair”. Pode-se dizer que estes contratos em certos casos tinham “cariz vitalício”.

Os contratados chegavam ao arquipélago, oriundos de diversos pontos de África: Libéria, Serra Leoa, Angola, Cabo-Verde e Moçambique (Mantero, 1910). Sob o regime de contrato foram também para as ilhas chineses provenientes de Macau (Clarence-Smith, 1991 :11).

Os contratados, designados “*serviçais*”, e os seus descendentes denominados “*tongas*”, não tinham o

direito de lavrar a terra por conta própria e muito menos possuir terrenos, conseqüentemente estes eram os únicos indivíduos que trabalhavam obrigatoriamente nas roças.

Os **forros** eram os únicos negros da ilha que *possuíam pequenas parcelas de terreno* – as glebas. Mas trabalhavam preferencialmente, em regime de empreitada nos escritórios, oficinas e instalações sanitárias das roças. As roças pertenciam principalmente a companhias portuguesas.

Estas *diferenças fruto de um caldeamento de raças e instituições* acentuaram-se de tal forma que agudizaram o fosso entre os indivíduos. As suas línguas, hábitos e costumes passaram a ser diferentes. Assim, com o decorrer do tempo para além das questões socio-culturais, passou a existir uma separação no espaço, isto é passaram a viver em diferentes sítios. Assim os *serviçais e tongas* viviam exclusivamente nas sanzalas - nos *quintais das roças*, os *forros na cidade* (na época só havia uma, a actual capital) nas vilas e nos *"luchans"*², enquanto concentraram-se os angolares num povoamento nuclear no sul da ilha de S. Tomé (Seibert, 1997:175).

No final do século XIX, verificou-se que os filhos da terra passaram a constituir um grupo ou classe social designada depreciativamente por "forros" (Tenreiro, 1961 :176).

A ilha do Príncipe "grosso modo" foi povoada nos mesmos moldes que a ilha de São Tomé mas, os seus habitantes são chamados genericamente "**monkós**". Reza a lenda que durante a instalação do cabo submarino foram para esta ilha trabalhadores da Serra Leoa. Na ilha existiam muitos macacos (monkey), ao que parece muito apreciado pelos serra leoneses. Há quem diga que "monkó" é uma corruptela da palavra monkey.

A língua

"Comment assumer mon double ou plutôt mon triple ancrage culturel, à la foi par rapport à mon ethnie, à mon pays et à la modernité?"

Bonaventure Mve-Ondo
"La question de L'identité dans la philosophie négro-
-africaine d'aujourd'hui" in Afrique 2000, n.º18
1994

"...remexo a minha memória para encontrar o maior número possível de elementos da minha identidade, reuno-os, alinho-os e não renego nenhum deles"

Amin Maalouf
in: "As Identidades Assassinas"
1991

Em STP coabitam vários idiomas nacionais, resultantes do "**caldeamento de raças e instituições**" que estiveram na origem da população destas maravilhosas ilhas. Assim, Vários crioulos são tidos como a língua materna:

- os "Forros" falam o santomé, o crioulo mais falado pela população santomense;
- os "Angoíares" falam o angolar;
- os "Tongas", consoante a sua origem (Angola, Moçambique ou Cabo-Verde), assim falam o tonga "n'gola" ou o Moçambique ou o crioulo de Cabo-Verde;
- na ilha do Príncipe o crioulo é o lunguyé ou lungu d'yé.

² luchans – pequeno lugar onde habitam algumas pessoas.

Os idiomas nacionais desempenham um papel importante enquanto espaço de identidades e compilação de saberes e valores socio-culturais.

Os contos, fábulas, lendas, provérbios, adivinhas e mitos, espólio da riqueza cultural santomense, são ainda transmitidas oralmente, através dos diferentes idiomas nacionais, como aliás se verifica em grande parte dos países Africanos.

Apesar da sua pequenez, STP pode ser considerado um verdadeiro mosaico socio-cultural(Pontifice, 1998 : 59).

Assim, "o desenvolvimento dos vários crioulos assenta no português de quinhentos evolucionado com o tempo, ao qual se sobrepuseram palavras de origem africana que provocaram alterações de fonética e de sintaxe peculiares" Tenreiro (1961 :94).

Aventurando-se no campo da linguística, só a título de exemplos, vai-se encontrar na república do Zaire e na República Popular do Congo nas regiões onde se fala o dialecto lingala, a expressão "*ngál*" que quer dizer "*meu*" , "*minha*" enquanto "*ngá*" (com apócope do i) a dizer "*eu*"; no quimbumdo de Angola "*mueca*" quer dizer "*um*", tal como se diz na língua angolar do sul da ilha de São Tomé; por outro lado "*dôngo-dôngo*", na República do Gabão significa quiabo, um legume contendo um líquido bastante viscoso e em São Tomé "*dongó-dongó*" quer dizer líquido viscoso e espesso (Aguiar, 1992 :42).

Entretanto, "o português em STP é língua materna de muitos santomenses, para além de oficial , o que lhe confere por conseguinte, um estatuto privilegiado em relação aos outros idiomas ... língua de administração e de ensino é também a língua de promoção social e até socialização nas zonas urbanas" (Mata, 1991 :27).

Por outro lado "o português é, ele mesmo, língua plural, com variantes internas e em contacto com outras línguas, língua cada vez mais plural e mestiça, sem com isso ter de perder a sua unidade essencial" (Santos Silva, 1999 :130).

1. A ECONOMIA, SITUAÇÃO CARACTERIZADA ATRAVÉS DAS MIGRAÇÕES DE PLANTAS E DE POVOS

Ao referir-se à história económica de STP, individualiza-se sintomaticamente diferentes ciclos culturais em função das plantas introduzidas, com reflexos fundamentais na sociologia e na economia das ilhas.

Parece impossível dissociar a história deste pequeno país insular da sua agricultura. Consequentemente, atendendo às quatro épocas consideradas no início desta comunicação pode-se caracterizar a construção da sociedade STP, segundo quatro ciclos coincidentes com a introdução de certas plantas:

CICLO DA AGRICULTURA PRÉ AÇUCAREIRA

Nesta época a **organização agro-social baseava-se num sistema de policultura**, na caça e na pesca e destinava-se a fixar as primeiras populações à terra.

Os primeiros colonos, ao desembarcarem levaram consigo os animais domésticos já introduzidos com êxito na Madeira, Açores e Cabo-Verde – bois, burros, ovelhas, cabras, porcos, galinhas, patos e pombos (Lains e Silva, 1958 :69). Comiam-se também ratos grandes, galinhas da guiné, tordos, caranguejos do mar e do monte. Pescava-se toda a qualidade de peixes, sendo os sáveis abundantes nos meses de Junho e Julho, segundo descrição do piloto anónimo.

Este período foi caracterizado pela produção de culturas de subsistência. Cultivava-se, milho Zaburro (Zea mays), Inhames (vide ponto 2) e hortaliças.

As principais doenças que acometiam os colonos eram as febres e a inflamação das pernas causadas pela humidade do terreno. A malária era temida nas terras baixas.

CICLO DO AÇÚCAR

Durante esta época a **organização agro-social baseava-se num sistema de monocultura de exportação** em que a cana sacarina era o produto rei.

São Tomé passa a exportar açúcar e a importar o necessário à vida dos senhores de engenho. Homens abastados, que possuíam 150 a 300 escravos por engenho e impuseram uma nova estrutura de produção nas ilhas.

Assim, a Cana sacarina foi causadora de fortunas imensuráveis aliada à maior perturbação moral de todos os tempos - o tráfico negreiro .

Os escravos negros iam para as ilhas aos casais, normalmente construíam as suas casas junto da floresta, desta forma ficavam mais próximos do seu local de trabalho, isto é próximos dos engenhos de cana sacarina.

As suas casas eram construídas sobre quatro estacas de madeira. Espetavam quatro paus em quadrado dos mais altos que encontravam e em cima deles faziam um sobrado com tábuas atadas em ambas as pontas, e por cima e pelos lados cobriam-no com ervas semelhantes a palhas grossas. Faziam uma escada de mão com muitos degraus, por onde subiam para a casa. Defendendo-se desta forma não só dos mosquitos mas também do calor, pois por baixo das casas circulava uma aragem fresca.

Durante o seu dia livre os negros dedicavam-se à cultura de subsistência nos quintais de suas cabanas - milho, inhames, batata-doce e hortaliças - garantindo desta forma a sua própria alimentação. O milho era moído em farinha, com ele faziam um pão ou bolos cozidos debaixo das cinzas. Os inhames comiam-nos assados debaixo das cinzas e também cozidos. Bebiam água ou vinho de palma e leite de algumas ovelhas ou cabras.

A população branca alimentava-se basicamente dos géneros vindos da Europa nos navios que iam buscar o açúcar. Como dificilmente se acostumavam aos alimentos dos negros, estavam dependentes dos abastecimentos vindos de Portugal. Estes navios levavam barricas de farinha de trigo, queijo, vinhos e até azeite de Espanha.

A população branca e os mulatos respeitados vestiam-se como os europeus da época. Pois os navios levavam inclusive couro para sapatos.

Os negros, tanto os homens como as mulheres, cobriam apenas as "partes vergonhosas" com um pouco de pano de algodão ou com "esteiras de palma", deixando o resto do corpo nu. "O mau vestuário e a alimentação deficiente são a causa da grande mortalidade que se nota entre eles" (Sá da Bandeira, 1873 :95).

Os negros, como informa o Piloto anónimo, morriam mais na gravana - "andam nus e como são secos como paus e sem carnes por pouco fresco que faça sentem-se trespassados e muitos deles adoecem e morrem." A mortalidade na população negra era maior por doenças pulmonares.

Por outro lado, segundo o mesmo autor, os habitantes brancos vindos da Europa, "adoeciam mais na época do calor, são acometidos de febres, alguns andam sem roupa, apenas com gibão e um pau na mão para se segurarem perdem vontade de comer e gostam de estar sempre a beber. Para os forasteiros dos navios a primeira febre é mortal."

CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS

Esta foi a única época em que a agricultura deixou de ser o pólo do desenvolvimento económico de São Tomé e Príncipe e passou a ter um papel meramente subsidiário da principal actividade, que era o comércio de escravos.

Todavia interessa registar que durante este período a *organização agro-social nas ilhas dividia-se entre a produção de culturas alimentares destinadas à subsistência da população e culturas alimentares destinadas ao abastecimento dos navios negreiros, isto é ao comércio.*

São Tomé e Príncipe tinham-se tornado na "**estalagem do equador**", era enorme o corrupio de navios, tanto portugueses como de outras nações europeias. Desta forma se intensificou o comércio, entre os mestiços que permaneceram nas ilhas, após a debandada das açucareiras para o Brasil, e os navios negreiros. Nestas ilhas eram armazenados escravos, tabaco, fazendas entre outras coisas que eram posteriormente transaccionadas.

A produção de culturas alimentares como banana, matabaia, mandioca, batata doce, arroz, milho, feijão, abóboras e citrinos por exemplo tinham um papel preponderante, serviam basicamente para alimentar os habitantes da terra. Com base em documentos do arquivo histórico ultramarino e do arquivo nacional da Torre do Tombo, citados por Neves (1989 :85) deduz-se que existiam pequenas unidades transformadoras para a produção de óleo de palma, óleo de coco e farinha de mandioca. Ainda segundo a mesma fonte STP nessa época foi um importante fornecedor de farinha de mandioca para a Costa da Mina e por vezes para Angola. A mandioca era consumida seca como na América ou assada em forma de "felipote"³. A produção de arroz era elevada e a sua qualidade superior ao do Brasil.

Os moradores livres e de posses de STP vestiam-se habitualmente à moda da Europa, com roupas de seda, bordadas a ouro e prata, fazendo-se transportar pelas ruas em redes carregadas por escravos, as mulheres

quando saíam também se faziam acompanhar por numerosos escravos. Os homens de condição social inferior usavam camisas sem manga e calções feitos de panos da costa africana as mulheres da mesma condição social vestiam-se de panos à moda da Guiné, segundo registos de documentos no arquivo histórico ultramarino.

A doença mais preocupante continuava a ser a “carneirada” ou febre palúdica, esta não olhava a classes sociais, atacava tanto a ricos como a pobres.

O equilíbrio social nem sempre foi possível em STP, estas ilhas foram marcadas por tensões sociais latentes, contudo durante este período os conflitos sociais agudizaram-se.

A igreja era o pólo catalisador de grande parte dos conflitos sociais, quer os de natureza classista, quer os de origem racial (Neves, 1989 : 163).

CICLO DAS CULTURAS DE EXPORTAÇÃO

Com a introdução de novas culturas o café e o cacau em meados do século XIX é o renascimento das grandes explorações, produzindo culturas de exportação.

Nesta época *retorna-se fundamentalmente à monocultura de exportação*, as chamadas culturas de “cash-crop”, o sistema de policultura servia basicamente para garantir a sobrevivência dos serviçais. *A organização agro-económica e social era ditada pelos roceiros.*

Os plantadores de café e de cacau habitavam sumptuosos palacetes nas suas roças. Enquanto os tongas e serviçais viviam nas sanzalas ou nos quintais das plantações em casas tipo comboio. Os angolares concentravam-se preferencialmente na zona sul da ilha de São Tomé.

Em 1890 o governador do Príncipe afirmava que o alojamento dos trabalhadores nas pequenas plantações consistia “num pequeno e húmido cubículo com chão de terra batida, sem luz nem arejamento, coberto com um telhado de folhas de palmeira ou de junco”.

A par das culturas de exportação eram plantadas algumas culturas de subsistência (feijão, milho, inhame, mandioca...) para alimentar os trabalhadores. As roças com excedente de produção em culturas alimentares vendiam os seus produtos para aquelas que necessitassem. Os trabalhadores alimentavam-se ainda de frutos das árvores que não tinham valor económico (safu (*Pachylobus edulis Don.*) izaquente (*Treculia africana Decn.*), frutapão (*Artocarpus communis Forst.*), jaca (*Artocarpus heterophyllus Lam.*)...

Todavia, o crescente numero de trabalhadores, o uso cada vez mais intensivo da terra para a monocultura do cacau e uma insuficiência crónica de mão-de-obra levaram os plantadores a optarem preferencialmente pela importação de alimentos (Clarence Smith, 1991 : 19)

Assim, dizia-se que “o peixe seco de Mossamedes” (sul de Angola) (Ribeiro, 1871) e o arroz reexportado da Europa constituía a principal ementa dos trabalhadores.

Por lei os trabalhadores tinham direito a duas mudas de vestuário de seis em seis meses. Embora a partir de 1878 as leis portuguesas estabelecessem que os roceiros deveriam proporcionar aos seus empregados instrução religiosa e assistência à infância, nem todos os proprietários cumpriam-nas.

No século XIX o paludismo, continuava a ser a principal doença, sob as suas diversas formas, desde o paludismo larvado (febres lentas) até à forma pernicioso, biliosa, hemoglobínica e anúrica (Meneses, 1929 :106 -108).

Ainda segundo o mesmo autor, “seguia-se a tuberculose pulmonar, alastrando-se gradativamente atingia sobretudo os negros, facto que se pode explicar pelo estado de miséria e promiscuidade que eram obrigados a viver, na época. As úlceras, a filariose, com elefantíase do escroto e dos membros inferiores era frequente sobretudo nas gentes que viviam as zonas das praias e as doenças venéreas também eram males comuns”.

Na ilha do Príncipe a incidência da doença do sono conduziu a uma apavorante taxa de mortalidade e contribui em grande escala para um mais baixo rendimento das plantações (Clarence Smith, 1991 :14).

³ Felipote, é uma espécie de pão de mandioca embrulhado em folhas de bananeira e que se assa mergulhando em cinza muito quente. Ainda hoje se pode apreciar este manjar nas ilhas paradisíacas de São Tomé e Príncipe.

Dos quatro continentes chegaram à ilha elementos de cultura que aglutinaram os homens da Europa e da África num amplexo sociológico muito curioso.

Do contacto entre portugueses e africanos resultou uma mestiçagem profunda, que se manifesta também a nível da religião. Ao catolicismo tradicional misturou-se algumas doses das credências, dos temores, "maus-olhados" e amuletos africanos, produzindo múltiplos fenómenos de sincretismo religioso. Pode-se constatar que o cristianismo não conseguiu afogar a necessidade de recorrer aos rituais em que a magia e a dança se entrelaçam numa fusão de ritmo e movimento electrizante. Nestes rituais algumas plantas introduzidas têm um papel preponderante, é o caso do "cumé liba" ⁴...

Uma variedade de inhame proveniente da América Tropical, assim como o estigma do milho, vulgarmente conhecido por barba de milho são utilizados em medicina tradicional, Roseira (1984 :79,84).

Reforçando-se a ideia de que as plantas foram protagonistas de encontros históricos, ao serem criadas condições para que diversas espécies fossem para fora do continente americano e africano, alterassem hábitos e costumes de diferentes povos e, se tornassem paulatinamente familiares a brancos e negros fora do seu "habitat" de origem.

Viu-se que no século XVI os brancos não se adaptavam aos alimentos dos negros, entretanto tal situação foi progressivamente ultrapassada.

Uma das consequências mais notórias das relações estabelecidas entre africanos, americanos e europeus foi o aparecimento de uma culinária específica e original.

De facto, cada um dos produtos de culinária resulta da confluência do que a natureza proporciona – em resultados de práticas agrícolas ou apenas como dádiva mediante a recolha: a pesca ou a caça – e de execução de uma ou várias técnicas de preparação de alimentos, mais ou menos elaborados e requintado. (Carvalho, 1991: 280).

Assim surgiram novos sabores, como por exemplo o calulu de STP e o caruru do Brasil, o soô das Ilhas com óleo de palma ou dendém e uma diversidade de peixes assemelha-se à muqueca baiana... E que dizer dos deliciosos quitutes e quindins que de um e de outro lado do oceano pleitam pelo gosto e pelo requinte...

Apenas para "aguçar o apetite", o que terão em comum o calulu de Angola, o calulu de São Tomé e o caruru do Brasil?

Todos eles são feitos com óleo de palma ou dendém e quiabo. A Palmeira dendém (*Elaeis guineensis* L.) é originária da costa ocidental africana, a ela vão as populações nativas, procurar cobertura para as suas habitações, alimento, bebida e ainda extraem dela gordura para alimentação, "toilette" e iluminação. Quanto ao quiabo (*Hibiscus esculentus* L.) Ficalho (1884 :97) defende que é sem dúvida indígena da África tropical onde é cultivado desde remotas eras, e de onde foi levado para outras regiões quentes do globo. Por outro lado Lains e Silva (1959 :310) sustenta que a planta é originária do oriente. Tem-se a certeza que as sementes destas plantas foram transportadas para o Brasil. Como é que terão lá ido parar?

A introdução destas plantas na América deve ter sido feita pelos escravos que da costa africana rumavam ao Brasil levando consigo os frutos de dendém (ou pelo menos o coconote) como alimento e as sementes de quiabo, como qualquer "migrante" a fim de "atenuar" as saudades da terra. Para terminar o caruru do Brasil é o único que leva gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) e este é originário do oriente.

Através dos estudos da cozinha comparada se poderia abrir a porta das relações e da identidade sociológica que o nordeste húmido do Brasil apresenta com as ilhas do golfo da Guiné e em particular com São Tomé (Tenreiro, 1961 : 186).

Contudo, certamente não se ficaria por aqui, no folclore são de referir curiosos fenómenos de miscigenação, mas apenas se tomará como referência no Brasil, segundo Melo(1972 :5) o "*congado* ou *congada* (em vias de desaparecimento), que, numa das variantes é dança africana e auto peninsular, com *Nau Catrineta*, *Carlos*

⁴É um ritual que consiste na oferenda de alimentos aos defuntos, para cura de doenças do corpo e da alma. Em alguns casos é oferecido feijão (*paseolus vulgaris*), farinha de milho (*Zea mays*), peixe seco, entre outros alimentos, consoante o tratamento.

Magno, em STP segundo Tenreiro (1961 :187) têm-se as “*tragédias do Capitão Congo* (o *Danço Congo* como também se diz) do *Carlos Mangano* (evidentemente *Carlos Magno*)”...

1. CONCLUSÃO

Por surpreendente que possa parecer, a vegetação no que se refere às plantas cultivadas é, na sua maior parte constituída por plantas introduzidas (Aguiar,1993 :8).

Essas plantas tiveram um impacto sócio-económico na construção da nação crioula que é hoje STP.

As plantas introduzidas, tanto as culturas de exportação (Cana sacarina, café cacau) como as de subsistência ou alimentares (inhames, mandioca, milho, feijão...) marcaram distintas fases na vida das ilhas.

As evidências ressaltam não só ao nível do tipo de vegetação que recobre as ilhas obviamente, mas também ao nível:

- da evolução do tipo de povoadores e das povoações;
- na miscigenação das gentes fruto “caldeamento de raças e instituições”;
- Antagonicamente, surgem vários grupos crioulos com línguas, hábitos e costumes característicos os “forros”, os “angolares”, os “tongas” e os “monkós”;
- nas diferenças dos hábitos alimentares, sua evolução ao longo dos tempos, culminando com criação de novos sabores;
- nas diferenças do tipo de vestuário e sua conseqüente evolução;
- no sincretismo religioso;
- no folclore;
- na alteração da estrutura urbana e paisagística das ilhas, em meados do século XIX surgem imponentes as grandes roças dominando a paisagem rural.

Não restam dúvidas pois que a introdução das diferentes culturas e o impacto social daí decorrente ajudou à criação da “sociedade crioula” que são hoje estas ilhas paradisíacas.

Parafraseando Tenreiro (1961) em STP a marcha das plantas foi também a marcha dos homens...

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Armindo (1992), *São Tomé e Príncipe: Uma Arqueologia para a Identidade*- in LEBA n.º 7, actas da 1ª Reunião de Arqueologia e História Pré-Colonial em 23-26 de Outubro de 1989, Lisboa, IICT, p 41 - 46.
- AGUIAR, Iolanda Trovoada (2000), *Contributo para o Estudo de Viabilidade Sócio-económica das Unidades Agrícolas Familiares de Água-Izé Em São Tomé e Príncipe* - Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- AGUIAR, Iolanda Trovoada e TROVOADA, Neusa (1999), *O design e o Marketing na Promoção do artesanato e da Agricultura familiar* , Workshop sobre a promoção Empresarial na Zona de Porto Alegre, São Tomé e Príncipe.
- AGUIAR, Iolanda Trovoada (1998), *Viabilidade Sócio-económica das Unidades Agrícolas Familiares de algumas comunidades de Água-Izé - Estudo de Caso de Desenvolvimento rural em São Tomé e Príncipe*, V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo - Moçambique
- AGUIAR, Iolanda Trovoada (1997), *Controle de Qualidade do cacau Comercial em São Tomé*, CIAT/Ministério da Agricultura, São Tomé e Príncipe.
- AGUIAR, Iolanda Trovoada (1977), *Estudo de Viabilidade das Unidades agrícolas Familiares do Projecto Luta Contra a Pobreza pelo desenvolvimento Rural* , FENU/PNUD - (STP/92/CO1) - São Tomé e Príncipe
- AGUIAR, Iolanda Trovoada (1993), *Plantas Originárias da América Tropical Introduzidas em São Tomé e Príncipe*, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- Arquivo Histórico Ultramarino, S. Tomé, cx. 11, doc. 50, *Carta de Joaquim Inácio da Cruz para o conselho ultramarino*, Lisboa, 13 de Outubro de 1769. (cit por Neves , 1986 :152)
- Arquivo Histórico Ultramarino, S.Tomé, cx. 23 doc. 9, *Carta do Capitão-mor João B. e Silva para o S.E.M.U.*, S.Tomé, 29 de Agosto de 1970. (Cit. por Neves,1989).
- Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe, 1-a-C, 3, fls. 11-24, *Governador Príncipe, 19.7.1890* (cit por Clarence Smith (1991 :18).
- ALVES FILHO, Ivan (1999), *Brasil 500 anos em Documento* - Rio de Janeiro, ed MAUD, p95.

- AYENSU, E.S. e COURSEY, D. G. (1972), Guinea Yams, The botany ethnobotany use and possible future of yams in West África. Econ. Bot. 26:301 – 318.
- CAMPOS, Ezequiel(1912), *Obras Publicas em São Tomé e Príncipe – Subsídios para a realização de um plano*, Porto.
- CARVALHO, Filipe Nunes de(1991), *Aculturação e resistências nos primórdios do Brasil – dissertação de mestrado em História dos descobrimentos e da expansão portuguesa (séculos XV a XVIII)* – Faculdade de ciências Sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CEITA, Maria Nazaré (1988), *A evolução do Mundo Rural em São Tomé e Príncipe*, V Congresso Luso-afro-Brasileiro de Ciências Sociais, UEM, Maputo.
- CHEVALIER, Aug. (1938-1939), *Le Végétation de l'île de San Thomé* – Boletim da Sociedade Broteriana, 2ª série vol. 13, p. 101-116, Coimbra.
- CONSULTA SECTORIAL (1992) – Terceira Conferência da Mesa Redonda – Programa de Ajustamento Estrutural a médio Prazo 1992 –1994. A Problemática da Dívida e Cenários Para a sua Renegociação.
- COBLEY, (1976), *An introduction to the botany of tropical crops*, London and New York, ed. Longman
- CORREIA , Augusto Manuel & MAÇARICO, M.D. (1995), *Aspectos tecnológicos ligados à Qualidade do Café em STP* – in 1ªs Jornadas sobre agricultura em STP, Lisboa 9 – 11 de Dezembro de 1993, Lisboa, pp181 – 197.
- COE, M. D. e COE , S. D. (1996) *The true history of chocolate*, London, Thames and Hudson (cit por Aguiar1997)
- ESPIRITO SANTO, Carlos (2000) – *Almas de Elite Santomenses*, Lisboa, ed. Cooperação, p. 243.
- ESPIRITO SANTO, J. (1970), *Nomes Crioulos e Vernáculos de Algumas Plantas* – Boletim da brigada de Fomento Agro-pecuário São Tomé 4 (16) : 55-67.
- EXELL, A. W.(1944) - *Catalogue plants of the vascular plants of S.Tomé(with Principe and Annobon)*- London British Museum (Natural History), (Cit Figueiredo, 1995 :47).
- EYZAGUIRRE, Pablo B. (1986), *The Ecology of Swidden Agriculture and Agrarian Histpry in São Tomé*, in Cahiers d'Etudes africaines, 101-102, XXVI –I –2, pp. 113- 129.
- FAO (1990), *Roots tubers plantains and bananas in human nutrition*, Roma
- FERRÃO, J.E. Mendes (1992) – *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*, exposição realizada de investigação científica tropical no jardim-museu agrícola tropical, Lisboa, Ed. IICT, Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses e Fundação Berardo.
- FERRÃO, J. E. Mendes (1991), *O Cacaveiro em S. Tomé e Príncipe*, in : Revista de Ciências Agrárias, vol. XIV, n.º1 , Lisboa.
- FERRÃO, J.E. Mendes (1986) – *Transplantação de Plantas de Continentes para Continentes no Século XVI* – Separata do II volume de História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal, Lisboa, p1087.
- FERRÃO, J.E.Mendes (1979) – *Flora de S. Tomé e Príncipe – Ácidos gordos e Proteínas de Algumas sementes*, Lisboa, ed: Junta de investigação científica do ultramar, (cit por Aguiar, 1993).
- FICALHO, Conde de (1884), *Plantas Úteis da África Portuguesa*, Lisboa, p31.
- FIGUEIREDO, Estrela(1995) – *Floresta e Endemismo em São Tomé e Príncipe*- in: 1.ªs Jornadas sobre a agricultura de STP, Lisboa, 9-11 de Dezembro de 1993, Lisboa, pp43-49.
- FRIEDEMANN, Nina S. (1995) – *Les Amériques africaines, les chemin du retour – in L'Afrique entre l'Europe et l'Amérique, Le rôle de l'Afrique dans la rencontre de deux mondes 1492 – 1992*, Ed. UNESCO, pp119-129.
- HENRIQUES, J. A. (1886), *Contribuições para o estudo da flora d'África* , Catálogo das plantas de S. Thomé – in Boletim da Sociedade Broteriana, vol. IV, Coimbra, p.23.
- HENRIQUES, Isabel Castro(1987), *Ser Escravo em São Tomé no século XVI* , In revista Internacinal de Estudos Africanos – volume 6/7, pp. 167-178.
- JONES, W.O. (1959), *Manioc in África*, Cal. St. Univ.
- LAINS e SILVA, H. (1958), *São Tomé e Príncipe e a Cultura do Café*, Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar.
- LAINS e SILVA, H. (1959), *Nomes Vulgares de Algumas Plantas de São Tomé e Príncipe* (Com notas sobre a origem dos nomes e a utilidade das plantas), Garcia de Orta, 7(2) : 293-323, Lisboa.
- LOPES, Carlos (1997), *Compasso de Espera, o fundamental e o acessório na crise africana*, Porto, ed. Afrontamento.
- LOURENÇO, Rui (1988), *Navegação de Lisboa à ilha de São Tomé escrita por um piloto português*, Lisboa, ed. grupo de trabalho do Ministério da educação para as comemorações dos Descobrimentos portugueses.
- MAALOUF, Amin (1999), *As Identidades Assassinas*, Portugal, ed.DIFEL , p25.
- MANTERO, Francisco (1910), *A mão-de-obra em S. Tomé e Príncipe*, Lisboa

- MATA, Inocência (1991), *A Língua Portuguesa na sociedade santomense: entre a desconstrução e a*, in NORTISUL – n.º1, p27-28, Lisboa.
- MATTOS, R. J. Cunha (1905), *Chorographia histórica das ilhas de S. Tomé e Príncipe, Ano Bom e Fernando Pó*, S. Thomé ,p2.
- M'Bokolo, Elikia (1995), *L'Afrique entre L'Europe et L'Amérique – Le rôle de l'Afrique dans la rencontre de deux mondes 1492 – 1992* - Paris, ed. UNESCO, p 26.
- MELO, G. Chaves de (1972), *A Presença Africana na Cultura Brasileira*, Separata da revista Ultramar, n.º2 vol I, Lisboa, p.5.
- MENESES, Aires do Sacramento (1929), *Os serviços de Saúde e higiene de São Tomé e Príncipe*, in Boletim da Agencia Geral das Colónias 5 (43) pp.97-109, Lisboa.
- MONOD, Th. e TEIXEIRA da MOTA e MANUY, R.(1951), *Description de la Côte Occidentale d'Afrique (Sénéegal au Cap de Monte, Archipels) par Valentim Fernandes (1506 –1510)*, Bissau.
- MONOD, Th. (1960), *Notes botaniques sur les iles de S. Tomé et Príncipe*, DaKar, Bull inst. Franc. Affr. Noire, 22 (1) pp19-94
- MORBET, T. (1989), *A Actividade agrária dos Técnicos Portuguesa no Território de São Tomé* - in Revista de Ciências Agrárias, volume XII, (2): 97 – 105.
- MOTA, A. Teixeira (1976), *Alguns Aspectos da Colonização e do comércio Marítimo dos Portugueses na África ocidental nos secs. XV e XVI*, Lisboa, J.I.C.U., pp.19-29 (cit por Henriques, 1987 : 172).
- MVE-ONDO, Bonaventure (1994), *La question de l'identité dans la philosophie négro-africaine d'aujourd'hui*, in: AFRIQUE 2000, revue africaine de politique internationale, n.º18, pp77-90, Bruxelles.
- MUDIMBE, V. I. (1988), *The invention of Africs. Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge*, University Press/James Currey, Bloomington, Londres (Cit. Por Lopes, 1997 :19).
- NEVES, Carlos Agostinho das(1989), *São Tomé na segunda metade do século XVIII* , Instituto de História de Além Mar, Funchal.
- NOGUEIRA, A. F. (1893), *A ilha de São Thomé*, Lisboa, p. 97.
- OLIVEIRA, Jorge E. C.(1993), *A Economia de S.Tomé e Príncipe* , Lisboa, Ed. Instituto para a Cooperação Económica e Instituto de Investigação Científica Tropical.
- PNUD (1999), *Options Strategiques a L'Horizon 2005*, São Tomé e Príncipe.
- PNUD (2000), *Relatório Desenvolvimento Humano*, Lisboa, ed. Trinova
- PONTÍFICE, Fernanda (1998), *Língua Cultura e Desenvolvimento*, in Relatório do Desenvolvimento Humano São Tomé e Príncipe, STP, PNUD, p.59.
- RIBEIRO, Manuel Francisco(1871), *relatório oficial acerca dos serviços de saúde na Província de São Thomé e Príncipe no anno de 1869*, facultativo de 1º classe, Lisboa (cit por Marques de Sá da Bandeira, 1873:94).
- ROBERT, H. (1990) ,*Les vertues therapeutiques du chocolat* , Paris, ED. Artulen (cit por Aguiar, 2000 :10)
- RODRIGUES, F.M. Carvalho (1974), *S. Tomé e Príncipe Sob o Ponto de Vista Agrícola*, Lisboa, JICU.
- ROSEIRA, L. Lopes(1984) , *Plantas Úteis da Flora de São Tomé e Príncipe, medicinais , industriais e ornamentais*, p. 83
- SÁ DA BANDEIRA, Marquês(1873), *O Trabalho rural Africano e administração Colonial*- Lisboa, p95.
- SANTOS, Maria E. M. (1994), *Mulatos, sua legitimação pela Chancelaria Régia no século XVI*, in: STUDIA, n.º 53, pp 237-246 , Lisboa.
- SANTOS SILVA, A. (1997) , *A Lusofonia no Campo Mndial do Saber: Uma Defesa da Diversidade*, in Parte Devida, intervenções públicas, 1992-1998, pp123-125, Porto, ed. Afrontamento.
- SEIBERT, Gerhard (1997), *Le Massacre de Février 1953 à São Tomé – Raison d'être du Nationalisme Santoméen*, in revue Lusotopie pp 173-192.
- SILVA, J. Lino (1988), *O Zea mays e a Expansão Portuguesa* , Lisboa, Ed: Ministério da Ciência e Tecnologia, IICT. p 14.
- SILVA, Mª Teresa Marques da Silva (1998) – *Estudo Morfológico da cidade de São Tomé no Contexto Urbanístico das Cidades Insulares Atlânticas de Origem Portuguesa* – Mestrado em desenho Urbano, vol. 2 – Instituto Superior de Ciencias do trabalho e da Empresa (ISCTE) Lisboa, p170.
- SOARES de SOUSA, G. (s/d), *Notícias do Brasil*, São Paulo (Cit por Ferrão, 1992)
- TENREIRO, Francisco (1954), *Aspectos da Colonização da Ilha de S. Tomé (Séc. XVI –XX)*, Sep: Congr. Luso-esp. progr. Ciên., pp157-164, Lisboa.
- TENREIRO, Francisco (1961), *A Ilha de São Tomé* , Lisboa, Memórias da Junta de Investigação do Ultramar.
- TOXOPEUS, H. J. (1948), *On the Origin of Kapok Tree Ceiba pentrandra*, Meted, alg. Proefst. Landb. Buintenzorg 56: 19 in (H.A.)
- TUCKEY, capt (1818) - *Narrative of na expedition to explore the river zaire* – appendix V (Cit por Ficalho).